

# Formação da República do Sudão do Sul e o conflito pela demarcação de fronteiras.

Rafael Gurjão\*

Diego Pereira\*\*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar sobre os acontecimentos geradores da República do Sudão do Sul, recentemente criada, para que se possa discutir da recomposição territorial das fronteiras locais. Essa análise da historicidade do espaço selecionado surge com o principal objetivo de reconhecer os mais importantes atores dentro desse processo e os principais conflitos que geraram tal separação, bem como os que se manifestam pós-separação. A metodologia utilizada é a correlação bibliográfica desta temática com informações obtidas pelos relatórios de organizações supranacionais e da imprensa nacional e internacional. O levantamento histórico dos processos que geraram as fronteiras institucionais da região também se mostra muito importante para que a análise se complete, partindo-se do imperialismo e das diversas intervenções externas dirigidas ao país e continente como um todo. Também se faz necessária a compreensão da bibliografia geral que possa esclarecer os fenômenos da construção do território, o papel e importância do Estado e principalmente a delimitação de fronteiras, principal causa de conflitos atuais na formação do novo país. Observou-se, com o estudo de caso, a existência de espaços geopoliticamente estratégicos para a segurança econômica dos países em conflito, inclusive já preexistentes à separação dos dois países, mas que tomam um novo formato após a separação. O artigo se propõe, mesmo que de maneira incipiente, deixar alguns apontamentos e percepções para o conflito que se estende por décadas, porém, como se observou, está tomando novas formas e apontando novas possibilidades de resolução.

**Palavras-chave:** Conflito; Fronteiras; geopolítica; Sudão; Sudão do Sul

---

\* Autor: Estudante de graduação em geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ)

\*\* Co-autor: Estudante de graduação em geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ)

## Introdução

Este estudo se desenvolve primeiramente com a intenção de compreender os processos que hoje levam a construção de novas fronteiras na África, mas com ênfase especial no Sudão do Sul, onde temos a construção recente de um novo país. Acreditamos que tal evento tem sua importância nos estudos geográficos pautadas em alguns aspectos.

O primeiro deles é o que nos remete à criação de novos territórios nacionais e a necessidade, ainda muito importante, da formação de um Estado soberano para minorias étnicas com profundas divergências na produção de seus territórios. O Estado assim se apresenta como o único ente capaz do “uso legítimo da força”(Santos 1996), viabilizando ou não a reprodução social de setores minoritários da população.

Um outro aspecto que se mostra interessante é a constante intervenção internacional no antigo país assim como no novo. As intervenções se mostram presente desde que suas fronteiras foram delimitadas, ou (re)delimitadas, no século XIX até os mais recentes investimentos no país, como caso do investimento educacional recente da China no Sudão do Sul. Estas intervenções externas não são um privilégio do Sudão do Sul ou do Sudão, mas se caracterizam como uma postura imperialista presente em quase todo continente africano exercida pelos países centrais. Há também intervenções regionais de países vizinhos, porém com interesses por muitas vezes distintos dos anteriores.

A bibliografia e a concepção teórica que deram suporte à análise partem inicialmente do campo da geografia, com o conceito de território, no qual apreendemos como as relações de poder condicionam a dominação e a produção do espaço. Desse modo, dentro do evento da separação do sul do Sudão temos a resultante da disputa do espaço pela população desde sua independência, com isso a construção de territórios dentro do país.

Segundo Raffestin:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143)

Nesse sentido, se observa no estudo que dificuldades sempre existiram na consolidação do domínio territorial no país, por parte de seu governo central após a independência da Inglaterra, de modo a nos fazer refletir as formas que se deram as relações de poder. Raffestin nos coloca que a produção do território são “todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder” (Raffestin, 1993).

Com as dificuldades de exercício do poder, na história do governo do Sudão, iremos reparar uma sequência de atos violentos e um quadro de guerras quase constantes no período pós independência. A colocação de Arendt (2005), após refutar a outros teóricos sobre a origem da violência enquanto a mais extravagante exibição de poder, é de construir a idéia de que a violência e o poder são forças opostas, ou seja, a violência só aflora quando o poder em questão se mostra ameaçado ou enfraquecido.

Assim pretendemos nesta análise, retomar a historicidade territorial do Sudão, desde sua independência (1956) até o surgimento do Sudão do Sul (2011), de modo que possamos entender como se deram os conflitos que geraram tal país, a importância desta criação, as tensões que foram produzidas após a separação e os reflexos para o mundo contemporâneo da formação do Sudão do Sul.

## **Breve história dos conflitos do Sudão do Sul e conjuntura atual.**

No dia 9 de julho de 2011 foi declarada oficialmente a separação da parte sul do Sudão, para assim constituir o mais novo país do mundo a República do Sudão do Sul ou Sudão Meridional.

Essa separação é fruto de uma divisão histórica entre etnias no país, que tem início na conferência de Berlim, quando a África foi fragmentada para desenvolvimento dos interesses externos imperialistas. “Sem respeitar a natureza, nem a etnia ou a tradição, os países foram traçados unicamente pelo interesses dos colonizadores” (Martins, 1992). Dessa forma, foi criado um grande problema político para os países resultantes desse processo, remontando de maneira autoritária as fronteiras, unindo e separando povos com tradições diversas.

Segundo Martins:

“O continente africano em seu conjunto apresenta 44% de suas fronteiras apoiadas em meridianos e paralelos; 30% por linhas retas arqueadas, e apenas 26% se referem a limites naturais que geralmente coincidem com locais de habitação de grupos étnicos.” (Martins, 1992)

Dentre os dois maiores grupos socio-étnico-culturais da África temos o norte com população branca e de religião islâmica e o sul com população negra de religiões animistas e cristãs. Entre o norte e o sul da África temos uma região intermediária onde os conflitos são mais intensos, denominada Sahel. A disputa territorial desses dois grupos nessa região representa um dos maiores conflitos do mundo contemporâneo. O Sudão, por sua vez, está localizado nesta faixa intermediária estando em conflito interno desde sua independência.

Em uma breve análise temos o Sudão como um país de grande diversidade étnica, cultural e religiosa, unidas em um só país fruto do processo de colonização de século XIX, sendo 19 grandes etnias e mais de 600 subgrupos. O país teve sua independência da Inglaterra em 1956 e posteriormente sofreu durante quatro guerras internas na disputa do domínio do território, que tiveram início em 1958, 1969, 1985, 1989 (Attree, 2012).

A principal motivação dos conflitos foi a postura de cartum, que “desde os primeiros momentos de sua independência, seu governo tem tentado estabelecer a lei islâmica (ou Sharia) como fonte exclusiva de direitos do país” (Messari, 2006). Tendo em vista que a população de religião islâmica representa dois terços do total, um quarto de religiões animistas e o restante cristão com pouco mais de 5% da população, os setores não islâmicos concentrados ao sul do país nunca aceitaram tal posicionamento do governo central.

O movimento separatista, que por muitas vezes dirigiu as revoltas e os conflitos no sul do Sudão, foi o Movimento/Armada de Libertação do Povo Sudanês (SPLM/A), do inglês Sudan People's Liberation Movement/Army, movimento de base cristã o qual liderava todos os setores do sul do Sudão e hoje compõe o governo formal do novo país.

Em 2005, um acordo de paz foi assinado entre o SPLM e o governo do Partido do Congresso Nacional (NCP), do inglês National Congress Party. Esse acordo tinha um principal objetivo de repensar a dinâmica política e econômica do sul do Sudão e também em indenizar vítimas de guerra nas regiões de Abyei, South Kordofan e Blue Nile (Attree, 2012). Esse acordo intitulava o líder do SPLM como vice presidente do Sudão, gerando certa autonomia na região.

A aliança foi desfeita em julho de 2011 quando o sul do Sudão se torna independente. A partir daí o conflito volta a aparecer entre os dois grupos políticos, agora com a dificuldade apresentada pela delimitação das fronteiras entre os dois países.

Não foram só as diferenças étnicas que motivaram a fração sul do país a se emancipar politicamente. A carência de investimentos de Cartum também impulsionou essa motivação, caracterizando uma má distribuição de recursos pelo país. Mesmo com a independência, os desafios se mostram grandes para o novo país, pois conta com uma infraestrutura muito precária de maneira geral, porém podemos apontar a questão da malha de transporte, que hoje conta com apenas 50 km de estradas, mesmo assim esta fica somente em torno da capital Juba; falta de infraestrutura que se reflete também na pouca distribuição de energia elétrica, que atende apenas 10% da população, somadas as residências que tem acesso controlado e disponibilizado por poucas horas/dia.

## **O conflito pela demarcação de fronteiras e seu território**

São muitos os problemas enfrentados pelo Governo do Sudão do Sul no que diz respeito à concretização do seu Estado-Nação. Dentre eles, o principal é a delimitação das fronteiras entre o Sudão do Sul e o Sudão. A principal dificuldade para essa delimitação está na região de Abyei (Fig. 1), que se caracteriza por grande concentração de petróleo.

Além das dificuldades encontradas nas relações com Sudão, podemos destacar os conflitos internos existentes no país. Por conta dos longos períodos de guerra recentes, a população é altamente armada, com grande descrédito no governo, e esporadicamente mantém enfrentamentos com antigos grupos aliados, dos países vizinhos e internos.

Na definição exposta por Raffestin o Estado para ser pleno precisa de três fatores fundamentais: a população, o território e a soberania, em outras palavras “o Estado existe quando uma população instalada num território exerce a própria soberania”(Raffestin, 1993). Se analisarmos o caso do Sudão do Sul por essa ótica, percebemos que para haver estabilidade interna do Sudão é necessário a definição de seu território e que o governo cumpra a tarefa de centralizar as atividades exercidas no território de modo a reduzir os conflitos apresentados.

A limitação das fronteiras é o principal debate posto entre os países. O que se apresenta na disputa pela fronteira é o petróleo. O Sudão sempre apresentou uma grande quantidade de recursos naturais, em reflexo disso, sempre despertou interesses internacionais pelo seu território. Com a Descoberta do petróleo isso vem se acentuando até os dias de hoje.

O petróleo, descoberto desde a década de 70, só começou a ser explorado em 1993 e exportado em 1998. Em 2007, era responsável por 80% dos rendimentos do governo de Cartum e 99% dos rendimentos de onde atualmente se localiza o Sudão do Sul (Cepik e Oliveira, 2007). Por isso, a disputa pelo petróleo é também uma disputa pelos recursos para o desenvolvimento dos países. Dessa forma, este conflito paralisou a exportação do petróleo, desde a independência do país até recentemente dia 27 de setembro de 2012, quando os presidentes dos dois países assinaram um acordo para manutenção da exploração e exportação do petróleo e pela desmilitarização das fronteiras entre os dois países.

Atualmente, 70% das fontes de exploração estão no Sudão do Sul, representando uma grave perda econômica para o Sudão, por conta disso há o grande impasse pela região de Abyei (Fig. 1), o epicentro das fontes de exploração. A total perda dessa região resultaria em aumento das dificuldades econômicas do país. Em contra partida, o Sudão do Sul é extremamente subordinado ao Sudão, no que diz respeito ao transporte do petróleo, os dutos que ligam as fontes de exploração a saída para o mar, no caso o mar vermelho, passam inteiramente pelo território do país, agora, vizinho.

Temos que salientar a presença de atores políticos internacionais dentro dos dois países. O petróleo que hoje é explorado no Sudão e Sudão do Sul tem destino em 64% para a China, que vem tentando estreitar relações com o novo país, tendo em vista que a China tem uma postura histórica de apoio de governo de Cartum, se mostrando contra as intenções emancipatórias das populações do Sul. Posteriormente, com a independência e com intenções de manter a dinâmica de importação de petróleo, a China mostrou-se atuante no processo de reconhecimento do novo país, já tendo fundado um consulado e dando incentivos para o desenvolvimento de infra-estruturar no país.

Porém, não é só o problema de fronteiras que atormenta o governo Sudão do Sul. Os ataques oriundos de outros grupos armados da região assim como de países vizinhos, como o exemplo do LRA, Exército de Resistência do Senhor, do inglês Lord's Resistance Army, um grupo fundamentalista cristão ugandense que atua no norte da Uganda e no Sudão do Sul mantinha ataques ao antigo SPLM quando dirigia a região autônoma e mantém contra o novo governo.

Assim, temos um quadro que mostra certas limitações do poder do governo da nova república. Os atos de violência se dão por conta disso. Quando falamos em violência e poder nos remetemos à relação direta entre esses dois fatores. Poderíamos trabalhar com a violência como uma utilização estremada do poder ou a carência de sua totalidade, mas como observamos no caso, os conflitos gerados pela diferenças políticas na região ainda são muito grandes pela ausência do poder de Juba em todo o território e com toda a

população do Sudão do Sul. Assim, poderíamos compreender melhor os fenômenos da criação de um novo Estado no mundo do contemporâneo, atenuado por estar localizada em uma região de violentos conflitos.

## **Considerações finais**

Ainda são poucas as considerações tiradas de tal processo, primeiramente pelo acúmulo bibliográfico sobre o tema que se mostra escasso não só no Brasil como no mundo. Outro entrave é a dificuldade para utilizar o campo como ferramenta de análise, condição que sempre vai reduzir o potencial desta. Contudo, já podemos fazer, mesmo que brevemente, algumas considerações importantes.

Primeiramente, o fenômeno de formação de um novo país no mundo contemporâneo reafirma o potencial e a importância do aparelho do Estado para as nações, já que este que aparece como ferramenta fundamental para garantia de direitos étnicos em toda região. O Sudão do Sul não é o primeiro país da região que se emancipa pelos conflitos étnicos, mostrando-nos que a emancipação é um evento que estima a resolução dos conflitos historicamente construídos.

Também constatamos uma presença internacional chinesa no país, que remonta a geopolítica do petróleo no globo, faz um apontamento às novas relações internacionais e uma redivisão da exploração de recursos naturais na região. Isso nos ajuda a ver como o imperialismo se transformou, mas nunca esteve extinto no país, que além de ter seus conflitos internos também é palco de conflitos internacionais.

Assim, temos um quadro de desafios ao novo país, que para superar tais mazelas sem precedentes e achar um equilíbrio que possa ser revertido em qualidade melhor de vida à sua população, terá que fortalecer a construção de seu Estado de maneira a tentar minimizar as extensas fraturas sociais, político, econômico, ambiental, entre outras, que foram deixadas pelo imperialismo ao longo dos séculos de história e exploração.

Figura 1



Fonte : ATTREE, Larry. (2012). "China and conflict-affected states Between principle and pragmatism"



## **Referencias:**

ARENDETT, Hannah. (2005). *Sobre la violencia*. Tradução de Guillermo Solana. Madrid; Alianza Editorial

ATTREE, Larry. (2012). "China and conflict-affected states Between principle and pragmatism" Disponível em: <http://www.saferworld.org.uk/downloads/pubdocs/FAB%20Sudan%20and%20South%20Sudan.pdf> acessado em 28 set de 2012.

CEPIK, Marco; OLIVEIRA, Lucas K. (2007). "Petróleo e Guerra Civil no Sudão". Radar do Sistema Internacional Disponível em: <<http://rsi.cgee.org.br/documentos/4242/1.PDF>>. Acesso em 30 set. 2012.

OLIVEIRA, Lucas K; Silva, Igor c. (2011). "Sudão do Sul: novo país, enormes desafios" Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/3954/4752> Acesso em 2 de out de 2012

LAVALLE, Guillaume; KIRBY, Steve (2011). "China e EUA disputam posições no Sudão do Sul". AFP, UOL Notícias, 14/01/2011.  
<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/01/14/china-e-eua-disputam-posicoes-no-sudao-do-sul.jhtm>  
Acesso em 29 set. 2012.

MARTIN, André R. (1992) "Fronteiras e nações" editora contexto. São Paulo

MESSARI, Nizar. (2006). "Darfur – Um Genocídio Diante dos nossos Olhos" Disponível em: <http://rsi.cgee.org.br/documentos/2981/1.pdf>. Acesso em 27 set 2012

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993..

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SHHS (2007) *Sudan Household Health Survey 2006*. Ministry of Health of Sudan, Government of Southern Sudan (MOH-GOSS) and Southern Sudan Commission for Census, Statistics and Evaluation (SSCCSE).  
<<http://www.bsf-south-sudan.org/sites/default/files/SHHS.pdf>>. Acesso em 05 out. 2012.

SOUZA, M. 1995. O território : sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In : Castro, I. et al. (orgs.) Geografia : Conceitos e Temas. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil.